

O CASO NIETZSCHE OU O QUE TORNA PERIGOSAS FILOSOFIAS PERIGOSAS¹

Sander L. Gilman²

Resumo

O artigo analisa a reputação intelectual de Nietzsche em termos histórico-culturais de forma a evidenciar como seus livros foram considerados capazes de levar pessoas a desenvolverem comportamentos criminosos. A partir da análise da série de peças de Franz Wedekind sobre Lulu e alguns casos reais de assassinato, o pesquisador norte-americano expõe o imaginário social sobre filosofias rotuladas como perigosas e analisa o que se temia nelas. As ansiedades culturais de uma era foram transpostas e atribuídas às idéias de um filósofo particularmente crítico com relação à moral e os valores da sociedade burguesa.

Palavras-Chave

Nietzsche – Desvio Social – Degeneração – Lourcura- Crime

Abstract

The paper analyses Nietzsche's intellectual reputation to show how his books were considered capable of leading people to develop criminal behavior. Through the analysis of Franz Wedekind's plays on Lulu and real murder cases, the North American researcher exposes the social imaginary about philosophies labeled as dangerous. He also explains what lies behind this social fear. The cultural anxieties of an Age were transposed to a philosopher that made the most acid critique about the moral and values of bourgeois society.

Key-Words

Nietzsche – Social Deviance – Degeneration – Madness - Crime

Quem é Nietzsche?

Todo mundo conhece Nietzsche. Ele é o homem louco cujas obras, caso você as leia, podem enlouquecê-lo. Dr. Goll, o amante de

Lulu nos dramas de patologia sexual de *fin-de-siècle* de Frank Wedekind *Espírito da Terra* (1895) e *A Caixa de Pandora* (1904) tinha este Nietzsche em mente quando o confundia com o Dalai Lama (o título irônico de Wedekind para aquele mestre da filosofia pseudo-oriental, Arthur Schopenhauer):

Goll: - Esqueci completamente como se chama seu balé?

Alwa: - Dalai Lama.

Goll: - Eu pensei que ele estava em um asilo de loucos.

Schön: - Você está pensando em Nietzsche, doutor.

Goll: - Você está certo. Eu sempre confundo os dois.¹

Por algum tempo depois que Nietzsche se tornou conhecido ele foi visto comumente como a quinta essência do *outsider*, o louco cuja insanidade é infecciosa. Este momento na história da reputação de Nietzsche é bem documentado ao menos no catálogo de sua influência no mundo literário.² No entanto, ver uma reputação num foco assim restrito retira de seu contexto histórico a teia complexa de implicações resumida no próprio conceito de “reputação”. Este trata livros como entidades sensíveis, interagindo em um mundo separado dos eventos humanos. Recentemente, historiadores sociais como Eugen Weber fizeram questões heréticas sobre textos como: Algum texto pode (e neste contexto uma reputação é ainda um texto) ser entendido se esta compreensão não for enraizada de algum jeito em uma forma específica de percepção do mundo?³ E a alteração de conceitos tem algo a ver com realidades sociais e políticas?⁴ Nenhuma idéia é possível sem a referência específica ao mundo no qual ela está embebida e mudanças estruturais em complexos de idéias *podem* ter suas raízes em alterações básicas (ou continuidades) de nossa percepção do mundo assim como ela se articula com o sistema de signos do qual a idéia está revestida.

Neste texto eu apresento um estudo de caso no qual uma idéia, a de Nietzsche como um patógeno, surge e influencia não apenas o mundo da literatura, mas todo o tecido da história. Realmente, a existência de tal idéia na vida quotidiana ajuda mais a focar as implicações de tal idéia do que todos os panfletos, peças e ensaios que a incorporam. A visão de que Nietzsche foi um pensador “perigoso” – não apenas que ele teve pensamentos perigosos, mas que ele causava atos perigosos – é um *leitmotiv* da recepção de Nietzsche do *fin-de-siècle* até Georg Lukács.⁵ E ainda por trás da generalidade de que as obras de

Nietzsche eram atrativas ou destrutivas por causa do senso de perigo inerente nelas há uma ligação entre o senso de perigo e a imagem de humanidade do *fin-de-siècle*, pois três qualidades são centrais para a imagem de Nietzsche na virada do século: a natureza radical de sua filosofia, sua loucura e a conexão entre elas na patogênese sexual daquele rompimento com a realidade que ele vivenciou em Turim em 1889.⁶

Na discussão mais antiga sobre a vida de Nietzsche, feita por seus amigos e contemporâneos, a ênfase nesta tríade é sempre manifesta ou implícita. O representativo dessa discussão é o debate sobre a etiologia da loucura de Nietzsche. As três posições tomadas por seus contemporâneos refletem o debate sobre a natureza sexual da causa de sua loucura. Uma posição afirmava que sua insanidade era resultado de sua vida sexual, ou seja, o produto de sua infecção por sífilis, a segunda afirmava que ela era produto de sua hereditariedade, ou seja, da loucura e morte precoces de seu pai, a terceira afirmava que ela era o resultado de pressões sociais, do excesso de trabalho e uso de drogas. A constelação de sexualidade, herança genética e meio é uma forma típica do século XIX para definir a etiologia de um grupo central de patologias, aquelas denominadas degenerativas. Realmente, B. –A Morel, o qual mais do que ninguém foi o responsável pela introdução do conceito de degeneração nos vocabulários médico e popular do século XIX, viu em meados do século esta tríade como a causa de todas as doenças degenerativas.⁷ Assim como a degeneração passou a ser vista como um dos atributos centrais do Outro durante o século XIX, ela foi crescentemente invocada para explicar atos psicopatológicos e sociopáticos. Por volta da virada do século, esta maneira de ver o desvio tinha se tornado um lugar comum quer na forma médica quer na popular de ver o Outro.

O Primeiro Caso de Assassinato

Em 1901, um caso chegou à Alta Corte Regional (*Oberlandsgerichtshof*) de Gotha, caso que era a reificação de todas as discussões públicas sobre o perigo de Nietzsche. Em 4 de dezembro de 1901 um estudante de direito, Walter Fischer, foi julgado pelo assassinato de sua amante, a jovem de dezessete anos Martha Amberg de Eisenach. Fischer, ele mesmo apenas com vinte e quatro anos na época do julgamento, admitiu sua culpa em depoimentos anteriores e o interrogatório do promotor público teve mais a ver com a motivação

para o ato de Fischer do que com sua ocorrência efetiva. Depois de determinar o estado mental e emocional de Fischer quando ele recebeu uma série de cartas anônimas sobre a fidelidade de sua amada e seus sentimentos durante o crime, o promotor público Blücher voltou à motivação do ato de Fischer:

Promotor: - Como o senhor chegou a estudar filosofia numa idade tão imatura, quando ainda era um estudante secundarista?

Acusado: - Cheguei a isso por causa de minha disposição natural.

Promotor: - O que o senhor quer dizer?

Acusado: - Eu sou naturalmente muito feio. Tenho uma natureza repulsiva e meus colegas de estudo e professor tratavam-me de uma maneira que demonstrava a repulsa deles.

Promotor: - Que tipo de defeito constitutivo o senhor tem?

Acusado: - Eu não tenho uma cabeça normal, mas sim uma mal formada.

Promotor: - Não notei isto antes ou, de qualquer forma, nem mesmo agora.

Acusado: - Bem, eu sentia que as pessoas não podiam me suportar e fugia. Gradualmente, um sentimento geral de nojo pelas pessoas se desenvolveu dentro de mim.

Promotor: - E por isso você fugiu para a filosofia.

Acusado: - Sim.

Promotor: - O senhor assim afirma que sua cabeça de formato anormal foi a razão para as pessoas evitarem-no. Nós já ouvimos o testemunho de pessoas que afirmaram que seu comportamento causou sua alienação. Um descreveu o senhor como um “cara de tipo engraçado”, o outro como “um osso duro de roer”. Um terceiro considerou que o senhor é um “egoísta”. Parece que o senhor teve poucas simpatias sociais. Isto foi um erro em sua educação. Talvez o senhor não tenha sido ensinado sobre o que é apropriado.

Acusado: - Não estou consciente disto.

Promotor: - O que o senhor lê?

Acusado: - Nietzsche e Schopenhauer.

Promotor: - Por que estes dois filósofos?

Acusado: - Um rapaz do correio que eu conheço os sugeriu.

Promotor: - Você estava no fim do secundário nesta época.

Acusado: - Sim.

Promotor: - O senhor não teria feito melhor se tivesse lido *As Guerras Gálicas de Cesar* e história grega do que a obra de um homem que terminou louco?

O acusado fica em silêncio.⁸

A atitude da corte é muito clara. Nietzsche é o filósofo perigoso. Realmente, o promotor público, a voz da visão do estado oficial, elide “Nietzsche e Schopenhauer”, dois pensadores perigosos, em um, aquele “homem que terminou louco”, Nietzsche.

O exame de outras testemunhas no julgamento adiciona mais camadas de significado para a leitura de pensadores perigosos. O depoimento em corte de um dos colegas estudantes de Fischer da Universidade de Jena, o estudante de Direito Kuhn, assim segue:

Testemunha: - O acusado tinha idéias muito perversas e tinha se expressado muito negativamente sobre o Direito e a Justiça.

Promotor: - Ele disse ao senhor que ele estava acima de toda lei?

Testemunha: - Sim. Isto, evidentemente, foi o resultado de suas leituras, as quais consistiam em Schopenhauer e Nietzsche.⁹

A mais importante de todas as testemunhas chamadas a falar sobre o estado mental de Fischer, ao menos daquelas testemunhas que o conheciam antes do assassinato, foi o pai dele. Ele atestou que seu filho mais novo morrera de um ataque epiléptico, que Walter sofrera de ataques epiléticos desde a idade de três anos e que era obcecado sobre sua má formação física. Ele encerrou seu testemunho resumizando a crença de seu filho de que todas as pessoas são basicamente más e que o mal só não domina o mundo apenas por causa das convenções sociais:

Promotor: - Isto não é fruto da árvore do conhecimento de um Nietzsche ou de um Schopenhauer?

Testemunha: - Pode ser. Ele também me disse como, em Berlim, um pedreiro pulou de sua plataforma para provar sua fidelidade aos ensinamentos de Nietzsche. O homem colocou uma cópia de uma obra de Nietzsche no bolso antes de cometer suicídio. Este objetivo parecia ao acusado um ideal verdadeiro.

Promotor: - O senhor tinha algum conhecimento sobre as leituras de seu filho?

Testemunha: - Não, nenhum conhecimento. De outra forma, eu o teria parado. Seu fanatismo foi tão longe a ponto de que seu nojo pelo sexo feminino afetou sua relação com sua irmã.

Promotor: - O senhor não vê no nojo dele o fato de que ele possa ter tido uma experiência ruim com uma mulher?

Testemunha: - Não. Eu vejo nisto o resultado de suas leituras de Schopenhauer.¹⁰

As atitudes sexuais de Fischer são apresentadas como produto de suas leituras. Nietzsche-Schopenhauer, aquele filósofo “perigoso”, é a razão de seu ódio pelas mulheres, especialmente com relação àquelas próximas dele e, por isso, na mente do pai e dos colegas estudantes, isto proporciona uma explicação do porque Fischer atirou em sua amada.

A última testemunha no julgamento foi um dos *expert* médicos chamados a ajudar a determinar a condição mental de Fischer na hora do assassinato. Ele era Otto Binswanger, o Professor de Psiquiatria na Universidade de Jena e o psiquiatra supervisor durante o período em que Fischer estava sob observação na clínica psiquiátrica. Talvez mais importante do que nossa leitura de seu testemunho seja o fato de que ele tenha sido o psiquiatra de Nietzsche durante a estada do filósofo na clínica de Jena de 18 de janeiro de 1889 a 13 de maio de 1890.¹¹ Binswanger, um típico psiquiatra clínico de sua geração, acreditava fortemente em causas somáticas de doenças mentais e tinha como seu mote, como a maioria dos psiquiatras de sua geração, o *aperçu* de Wilhelm Griesinger de que “doença mental é doença do cérebro”. A afirmação de Binswanger para a corte mudou o julgamento para outra direção. Ele caracterizou o passado do acusado – sua precoce doença de infância, sua fixação nas obras de Nietzsche e Schopenhauer logo cedo aos dezesseis anos – como claramente patológico.

De [Nietzsche e Schopenhauer] ele desenvolveu sua visão de vida pessimista, a qual via a destruição como o maior valor da vida e, por outro lado, ele encontrou nela o direito ilimitado do indivíduo para se exprimir, um direito maior do que o das massas. Em sua vida mental imatura, uma vida despreparada para o pensamento lógico estrito, tais conceitos se sobrepuseram a todas as forças espirituais, as quais talvez sem essa presença poderiam tê-lo ajudado a desenvolver uma personalidade mais harmônica, firme. Eu propositalmente digo “talvez” porque suas atitudes egocêntricas, sem regra, com relação ao bem estar ou desconforto dos outros já eram evidentes nele quando era uma criança.¹²

Binswanger vê na leitura de filosofia perigosa uma causa potencial para o ato assassino de Fischer ou ao menos uma circunstância atenuante. O poder de tal visão não é de forma alguma enfraquecido no final de sua afirmação quando ele diz que nenhum julgamento sobre

sanidade pode ser feito com base no apego de um indivíduo a um sistema filosófico. “Ninguém pode concluir a partir do apego de um indivíduo pela filosofia de Nietzsche ou Schopenhauer que ele é louco.”¹³

De acordo com o registro contemporâneo foi o discurso de Otto Binswanger que finalmente convenceu o júri. Eles consideraram Walter Fischer, um homem que planejou um assassinato em detalhes, culpado de assassinato com atenuante e o sentenciaram a dez anos de prisão. A circunstância atenuante responsável pelo veredito ao invés de assassinato puro e simples parece ter sido a influência maligna daquele filósofo perigoso, Nietzsche-Schopenhauer.

A reação dos editoriais com relação à sentença de Fischer foi uniforme. O *Berliner Börsen Courier* de 6 de dezembro de 1901 observou que “a puberdade foi a época em que ele desenvolveu seu nojo pelas mulheres. Aquele período foi uma base frutífera para a recepção daquelas filosofias, como as de Nietzsche e de Schopenhauer, as quais pregavam o pessimismo e aqueles ensinamentos foram como veneno para este jovem.”¹⁴ O *Die Post* escreveu em 5 de dezembro de 1901, o dia do veredito, “que tal jovem, indivíduo sensível criou o princípio de sua vida amarga a partir de Nietzsche e Schopenhauer... uma força que acelerou sua queda trágica.”¹⁵ Mas em nenhum outro lugar a leitura popular do perigo da filosofia de Nietzsche foi mais especificamente mostrada do que no conservador *Deutsche Warte*, o qual apresentou um editorial, *O assassinato de sua amada*, na primeira página de sua edição matutina de 6 de dezembro de 1901:

Fischer [como oposto ao assassino bávaro Kneiss] não é um assassino nato – ele não é animal o suficiente, não tem sangue frio o suficiente, ele é facilmente tocado por sentimentos de remorso. Ele é, talvez, o decadente nato, o indivíduo queimado com insanidade moral. Ele sentia que algum dia sua vida teria um fim trágico e este sentimento vago o levou, quando ainda era um estudante secundarista, aos braços da filosofia pessimista. Schopenhauer ensinou que este é o pior dos mundos possíveis, mas desejava que a humanidade fizesse deste vale de lágrimas tolerável através da piedade moral budista. Nietzsche, por outro lado, é um otimista. Ele acreditava na vitória do poder, desprezava a piedade como uma fraqueza cultural adquirida e pregava um auto-amor extravagante, a Moralidade dos Fortes. Ambos os filósofos tinham em comum uma depreciação horrível, depressiva e inumana da natureza humana, especialmente da mulher, a qual

Schopenhauer vê como um ser completamente subordinado, limitado e enganador e a qual Nietzsche vê como possível de ser dominada como um animal somente através de dureza e do abuso. “Quando ver uma mulher, não esqueça o chicote!” ensinou Nietzsche. Claro que nenhum desses pensadores teria sancionado a ação de Fischer. Mas podemos assumir que foram suas obras que deram suporte para seu ódio assim como para o nojo que ele dirigiu contra o ser amado intensamente que ele assassinou. Schopenhauer e Nietzsche mostram em suas atitudes com relação à mulher um jeito asiático. A cristandade, florescendo da Ásia, mostra-se mais próxima de nossa sensibilidade germânica, já que ela mostra a mulher como a verdadeira companheira e ajudante do homem. Como uma crítica da má compreensão do conceito de cristandade, como um contrapeso à sensibilidade pietista e a falta de julgamento, contra a passividade da vontade, podemos ver a justificativa para Schopenhauer e Nietzsche. É um veneno perigoso para um indivíduo doentio, predisposto à depressão e à dúvida.¹⁶

Na mente popular, a leitura de Fischer de Schopenhauer e Nietzsche foi o catalizador crucial sem o qual o jovem, sem levar em conta sua predisposição, não teria sido levado ao assassinio.

Uma digressão sobre a psiquiatria forense revela mais claramente as implicações da idéia do filósofo perigoso no pensamento alemão do século XIX tardio. A lei alemã sobre responsabilidade criminal do insano baseava-se na definição do Código Napoleônico do crime como uma ação cometida por alguém responsável por seus próprios atos. A insanidade retira do indivíduo a responsabilidade criminal porque ser insano é estar “inconsciente” em termos legais. O parágrafo 51 do Código Criminal do Império Alemão declarava que “um ato punível não tomou lugar se o acusado está, na hora do ato, em estado de inconsciência ou em um estado de ruptura mórbida de suas faculdades mentais através das quais o livre arbítrio se torna possível.” O problema da filosofia como uma força perigosa para a ordem pública pertence à última categoria, pois alguém como Fischer, baseado em seu próprio testemunho e no depoimento de Binswanger, não está “inconsciente”, ou seja, apagado para o mundo, mas sofre de uma limitação de seu “livre arbítrio”. Esta formulação bem protestante é também conhecida, na lei germânica do *fin-de-siècle*, de “*idiotia moral*”, um termo próximo à formulação anglo-americana de “*insanidade moral*”. Mas na Alemanha a afirmação de que o “livre arbítrio” de um indivíduo estava impedido não podia ficar apenas na evidência de que o

indivíduo demonstrava uma falta de sentimento moral. Algum outro defeito, como capacidade intelectual diminuída, tinha que ser provado antes de se trazer à tona a afirmação de “idiotia moral”. De todos os casos citados nos sumários padrão de psiquiatria forense alemã, o mais forte é para patologia afetiva baseada em “degeneração epilética”.¹⁷ Este é, claro, o argumento central do discurso de Binswanger. Fischer estava enfraquecido porque sua constituição tinha limitado seu “livre arbítrio” e esta falta de livre escolha o levou a ser seduzido por uma filosofia “perigosa”. O degenerado é particularmente apto a sucumbir a sistemas fortes de pensamento e assim demonstra ao mesmo tempo fraqueza e loucura. Nem todos que lêem Nietzsche enlouquecem, segundo Binswanger, mas todos que o lêem e são inerentemente fracos podem ser levados a enlouquecer.

Mais Casos de Assassinato

Os dramas de Wedekind sobre Lulu de 1895-1902 expõem mais algumas implicações do caso Fischer ao documentar a percepção de Nietzsche como um patógeno. A “influência” de Nietzsche em Wedekind tem sido discutida desde o início das pesquisas sobre o autor alemão, mas pouca atenção tem sido dada a qual “Nietzsche” o influenciou.¹⁸ A leitura que Wedekind fez de Nietzsche como um pensador “perigoso” aparece em aspectos específicos dos dramas de Lulu e é precisamente na mesma continuidade estrutural que foi encontrada no julgamento de Fischer que Wedekind apresenta sua Lulu. Pois Lulu é a quinta essência da degenerada, capaz através de sua patologia de seduzir e destruir todos à sua volta. A tríade de hereditariedade, meio e sexualidade determina sua natureza, assim como a de sua irmã em pecado, Nana. Wedekind afirma diretamente na introdução que ela não é “a forma primitiva da mulher”, mesmo que ela se chame Eva, ela é, antes o produto de uma nova filosofia como encontrada em alguém sem vontade própria, como a encontrada no degenerado. A leitura maligna de filosofia perigosa aparece no mundo de Lulu com a introdução irônica do Nietzsche louco no terceiro ato de *Espírito da Terra*. Lulu, apresentada no prólogo como um animal necessitando adestramento, é justaposta ao mundo do irreal, o balé, no qual o Dalai Lama, o pseudônimo irônico que Wedekind dá a Schopenhauer, se confunde com o filósofo louco, Friedrich Nietzsche. Esta combinação feita por Dr. Schön é indicativa das implicações

médicas que o duo Schopenhauer-Nietzsche e suas ou sua influência perigosa na “idiota moral”.

A sexualidade de Lulu se manifestou na infância, talvez até mesmo em sua relação com o mendigo Schigolch, uma relação que é o avesso perverso do relacionamento no qual Wilhelm Meister encontra Mignon (um nome, como “Eva”, que é dado a Lulu no curso das peças). Tal manifestação precocemente patológica da sexualidade indicava no *fin-de-siècle* um claro marcador do indivíduo como o *outsider*, um *outsider* tanto em termos de classe quanto em termos de patologia. Schön, que explora a sexualidade e a patologia dela, em determinado ponto é sarcasticamente desafiado por ela a aceitar um papel que ele tinha fingido assumir:

Schön: - Fique quieta! Seu monstro!

Lulu: - Case com ela [a noiva de Schön] – então ela dançará diante de mim em sua miséria infantil ao invés de eu dançar diante dela!

Schön: (levanta seu chicote) - Deus me perdoe...

Lulu: - Bata-me! Onde está seu chicote? Bata-me entre as pernas...(p.78)

Este papel, que Schön evita, é claro que é o do filósofo perigoso, o qual quando se aproxima de uma mulher traz consigo seu chicote. É Lulu quem domina e cuja patologia, ou menos cuja função como patógeno, contamina e eventualmente destrói os homens em sua vida em *O Espírito da Terra*. Os suicídios de Goll e Schwarz são diretamente atribuíveis ao papel dela como agente patogênico. Como Fischer, o contaminado se torna o destruidor. Degenerados são retratados como fortes e agressivos apenas porque através de sua fraqueza eles sucumbiram a uma filosofia da força. Esta é a patologia que Dostoievski atribui a Raskolnikov, ao menos ironicamente. Ele mata porque ele lê panfletos perigosos em uma condição debilitada!

Wedekind apresenta o papel de Lulu como discípula de Nietzsche usando metáforas nietzscheanas para descrevê-la. Talvez a mais clara seja a descrição que o *performer* de circo Rodrigo faz dela como tendo alto potencial para andar no arame. Wedekind combina isto com a reafirmação do desejo masculino de controlar a mulher, um desejo que permanece insatisfeito até que a mulher como uma degenerada encontre um homem com a mesma patologia:

Rodrigo: - Eu encomendei um chicote de rinoceronte com duas polegadas de grossura. Se ele não funcionar com ela então eu tenho sopa de batatas no lugar do cérebro. Bater ou fazer amor é o mesmo para uma mulher. Mantenha-a feliz e ela permanece firme e fresca. Esta tem vinte anos, foi casada três vezes e satisfaz um número incrível de amantes e agora ao menos ela está dando sinais de que possui um coração. Mas o cara vai ter que ter os sete pecados capitais na testa ou ela não vai respeitá-lo... Eu a treinarei e se ela fizer o primeiro “salto” sem quebrar o pescoço eu colocarei meu casaco preto de gala e não moverei um dedo pelo resto de minha vida... Desde que o homem tome conta do lado intelectual e cuide para que o senso de família não vá pelo ralo. (p.122)

Novamente é o chicote, o instrumento pedido por Lulu, que introduz o sabor “nietzscheano” nesta passagem.¹⁹ Mas a idéia da mulher como animal e o uso da imagem do circo também refletem passagens da escrita nietzscheana, as passagens citadas por seus contemporâneos como características de sua obra.

É com a morte final em *O Espírito da Terra*, o assassinato de Schön, que o segundo “caso Nietzsche” é introduzido e pode ser visto não como influência, mas como extensão do mesmo modelo de percepção do mundo. Pois Lulu é julgada pelo assassinato de Schön e condenada. Ele é mandada para a cadeia por seu crime e nós a encontramos no início da segunda peça, *A Caixa de Pandora*, escapando da prisão. Quando G. W. Pabst filmou as peças e quando Alban Berg as transferiu para música, ambos consideraram imperativo apresentar versões do julgamento. Mas como se parecia o julgamento de Wedekind? Qual era o crime de Lulu e qual era sua sentença? Nada disto é claro e ainda recebemos algumas pistas atormentadoras.

Talvez o melhor ponto para começar a reconstruir o julgamento de Lulu, um julgamento que se passa entre a chamada da polícia no fim de *O Espírito da Terra* e o aprisionamento de Lulu no início da segunda peça, seja com a fala final de *O Espírito da Terra*. A fala é dita pelo admirador secundarista de Lulu, Alfred Hugenberg: “- Eu serei expulso da escola.” Realmente ele o é, e na segunda peça ele está alojado em um reformatório por causa de sua fascinação por Lulu. Em *A Caixa de Pandora*, Alwa, filho de Schön e futuro amante de Lulu, comenta o ato de Hugenberg durante o julgamento de Lulu: “- O rapaz tem algo que falta à nossa geração. Ele tem o espírito heróico e claro que ele será sua ruína. Você lembra quando, antes da sentença ser anunciada, ele

levantou-se do banco das testemunhas e gritou para o juiz: ‘- Como o senhor pode dizer o que teria sido do senhor caso tivesse sido uma criança descalça de dez anos de idade tendo que bater nos cafés à noite?’ (p.121-122) Foi por esse acesso que ele foi condenado ao reformatório e se tornou um dos proscritos povoando o mundo de Lulu (párias como Rodrigo consideram sua sentença plenamente justificada, pois ele precisava ter “respeito pela lei... destilado nele”. (p.122) A alegação de que fatores do meio absteriam Lulu da culpa, que sua criação imoral levou ao crime, é rejeitada pela corte e pela acusada como puro nonsense. Os criminosos sabem que eles são parte de um mundo muito diferente daquele mundo “normal” e que esta diferença é enraizada em sua maneira de percepção. Esta visão é aceita pelo *establishment* legal. Os seguidores de Cesare Lombroso, o qual dominou a psiquiatria forense alemã do fim do século XIX, demandavam algum sinal físico assim como um estigma moral/mental antes que o julgamento de “insanidade” mental pudesse ser feito.²⁰ Uma infância indigna seria vista como um fato atenuante apenas se alguma anomalia inerente como um sinal degenerativo pudesse ser apresentado.

Alwa alega que Lulu, ou ao menos a heroína de sua peça *O Espírito da Terra* já serviu “um ano todo por trás das grades” (p.113) e a condessa Geschwitz diz a Lulu que ela tem “nove anos na prisão pela frente” (p.114). Deveria ser uma pequena surpresa que a sentença de Lulu é a mesma de Fischer, uma sentença por assassinato com atenuante e não por assassinato simples. Quais poderiam ter sido as circunstâncias atenuantes? O próprio ato, do qual o público é privado, não foi um ato espontâneo nem Lulu estava “inconsciente” no sentido legal do termo durante sua execução. Então pode ela ser vista como “moralmente idiota” e qual é a prova?

Aqui o argumento é nebuloso já que Wedekind não dá nenhuma informação direta ao público, mas esta mesma platéia teria trazido toda a informação necessária ao texto para explicar a sentença de Lulu, pois Lulu é uma mulher sexualizada, uma mulher que não é a essência da mulher, mas da prostituta. Como Nana, ela pertence a um gênero separado, a prostituta (lembre-se do subtítulo da obra definitiva de Lombroso sobre o tema: *A Prostituta e a Mulher Normal*).²¹ Lulu mostra sua degeneração através do próprio fato de sua beleza sedutora. Esta degeneração é ativada por sua sedução quando era apenas uma criança, um padrão literário do *fin-de-siècle* que, já vimos, confundiu até mesmo Freud com seu poder explicativo. Ela é um membro de uma

espécie distinta e seus sinais são os sinais de sexualidade evidente. Zola cria Nana quase grotescamente sexual. O papel dela como objeto sexual no teatro, ou o “bordel” como o diretor de teatro o chama claramente, passa pelo sentido da *outsider* sexual inerente à imagem da atriz. Desta forma, Lulu também é um objeto sexual no palco. Como Nana ela não pode fazer nada além de ser admirada. É a sedução do Outro que é o estigma da prostituta como degenerada. Sua própria beleza é o signo sexual de sua degeneração.

O rótulo da beleza como um sinal de degeneração é, claro, um reverso irônico da compreensão padrão do papel da beleza no processo da seleção sexual como se apresentava no século XIX. Tanto Darwin quanto seus oponentes, como o sociólogo Edward Westermarck, vêm na beleza física da mulher (como oposta à força do homem) as marcas da seleção sexual positiva.²² A tentativa de reverter uma tradição secular de relativismo estético tornando a beleza um mecanismo biológico leva Darwin e outros pensadores a algo que é quase racista em suas implicações. E realmente a moderna teoria biológica descartou completamente a “seleção sexual” para dentro do cesto da “má” ciência. No entanto, para uma platéia do fim do século XIX, a ênfase de Wedekind na beleza inerente de Lulu teria sido suficiente para assinalar sua degeneração. A beleza dela, como a de Dorian Gray, é sensual, contaminada pela sexualidade – a antítese da verdadeira beleza. Isto é o que conta para a sentença reduzida de Lulu. Não é apenas seu passado, mas seu passado combinado com sua biologia que a marca como uma degenerada e por isso como alguém que não é responsável por seus próprios atos.

Dois outros personagens dos dramas de Lulu caem no mesmo padrão. A Condessa Geschwitz, a amiga lésbica de Lulu e sua amante em potencial, também é vista como degenerada. A homossexualidade era percebida no fim do século XIX não apenas como desvio sexual causado por excessos masturbatórios como se cria na primeira metade do século, mas como a manifestação de um padrão inerente de degeneração. Aqui também a degeneração é apresentada de um modo irônico, o qual subentende as implicações de desvio sexual, pois Geschwitz talvez seja a única personagem na peça a evoluir assim como aponta Wedekind no prefácio das peças. A outra personagem que carrega o estigma da degeneração aparece no ato final da segunda peça. É a clara nêmesis de Lulu, Jack, o Estripador, cuja descrição física, como aquela de Geschwitz, aponta sua degeneração: “Ele é um homemzarrão,

elástico em seus movimentos, com um rosto pálido, olhos inflamados, sobrelanceiras grossas e arqueadas, bigode pendente, barba esparsa, fios de bigode eriçados e mãos quentes e vermelhas com unhas roídas” (p.172). Esta é a descrição do degenerado como sociopata encontrada num sem número de livros clássicos de psiquiatria do período. Esta também é a descrição de um imigrante de classe baixa na Grã-Bretanha e que ela tenha aparecido como uma das muitas tentativas de prover uma descrição do Jack, o Estripador “real” não deveria ser surpreendente²³, pois a identidade do Outro, quer seja um pária social, um membro marginal da sociedade, ou um degenerado sexual, é carregada por ele (ou ela) em sua aparência. O Outro parece diferente e esta qualidade é encontrada nos dramas em Lulu, na Condessa Geschwitz e, finalmente, em Jack, o Estripador.

Degeneração, sexualidade e meio, todos figuram de forma importante na concepção *fin-de-siècle* do Outro, do Outro como louco. Segundo Lombroso e seus seguidores alemães, a prostituição era uma doença mental, uma forma de loucura inerente sob a qual o indivíduo tinha pouco controle a partir do momento que a doença tivesse se desencadeado. A loucura, assim, é manifestada na sexualidade. O caso de Walter Fischer como o de Lulu ilustram esta confluência de conceitos. A relação patológica de Fischer com sua namorada e a relação patológica de Lulu com um mundo inteiro de homens prefiguravam suas quedas, pois o que é inerente em tal sexualidade é a morte. O degenerado é uma bomba relógio que a qualquer momento vai explodir destruindo aqueles que se deixaram seduzir.

Onde Nietzsche como patógeno, como o filósofo perigoso, entra neste quadro? Pois Nietzsche (ou Schopenhauer-Nietzsche como ele é chamado às vezes) era lido de uma maneira muito específica. Sua filosofia foi destilada em duas qualidades na sua recepção do final do século XIX. Primeiro havia a misoginia de Nietzsche. Nietzsche foi transformado no advogado do chicote no trato com a mulher como o Outro. No fim do século XIX a mulher, quer em suas demandas políticas quer em seu papel como o objeto de controle sexual (através das leis de saúde pública) tinha sido distanciada como uma espécie diferente, uma forma de vida diferente. Próxima de uma besta em sua sexualidade ela só poderia ser adestrada através da violência. Assim, a misoginia de Nietzsche era vista como o lado noturno necessário da filosofia moderna, o qual era importante para lidar com uma força ainda mais perigosa que seu radicalismo. Desta forma, Nietzsche foi colocado

no papel do pensador perigoso que tinha lugar, mas apenas quando usado por indivíduos (leia-se homens) fortes suficientes para não serem seduzidos por sua filosofia. Segundo, havia o pessimismo de Nietzsche e sua loucura resultante. O necessário balanço contrário para qualquer filosofia do progresso era uma filosofia do pessimismo.²⁴ Ela era permitida contanto que seu resultado fosse a loucura colocando o pessimista para fora da sociedade e dentro do antimundo do Outro como louco. Wedekind provê seu público com a imagem do espelho porque em seus dramas o mundo inteiro é um hospício e Lulu e Jack, o Estripador são os colegas típicos e não aberrações.

“O Caso Nietzsche” ilustra o poder de um conceito para categorizar aquelas forças que se considerava um perigo para a ordem, uma ordem construída sobre a pressão da irracionalidade, sexualidade e desvio. Nietzsche se torna a palavra-código para aquelas forças quer dentro do indivíduo (sexualidade) quer na sociedade (sistemas de pensamento) que eram consideradas perigosas para a ordem. Elas são percebidas como atores num palco bem específico, aquele da corte judicial, pois a presença do Estado dentro deste mundo era a presença da ordem. Hegel tinha visto no Estado Alemão do século XIX a última forma de organização humana. Com as leis controlando ambas a heterossexualidade (sob o cuidado da saúde pública) e a homossexualidade, este Estado último tinha invadido cada canto da atividade humana no fim do século. Aos olhos deste Estado, o louco, a prostituta, o homossexual tinham todos um único lugar e aquele era a corte judicial, onde seriam julgados por seu crime. Este crime era visto como reflexo de sua biologia e a única possibilidade de controle e reabilitação potencial era o encarceramento. Não a prisão perpétua ou a pena capital, mas uma punição limitada durante a qual algum tipo de re-socialização talvez pudesse acontecer. Durante este período, as tendências biológicas que tinham sido ativadas pela exposição a pensamento perigoso poderiam ser controladas novamente. A prisão, como observou tão corretamente Michel Foucault, se torna o *locus* do controle do pensamento para a sociedade do século XIX e dez anos eram considerados suficientes para reverter a influência daquele pensador perigoso, Friedrich Nietzsche.²⁵

Ecos

O mito poderoso de que erros na biologia humana são conectados com atos anti-sociais de tal forma a atenuar tais atos não vigorou apenas na Alemanha Guilhermiana. Em 1924, dois jovens estudantes universitários de Chicago, Richard Loeb e Nathan Leopold, Jr. assassinaram o sobrinho de Leopold, Bobby Franks. O advogado deles, Clarence Darrow, construiu o caso de que seus clientes estavam isentos em torno de dois temas centrais: a doença mental hereditária deles e a leitura de Friedrich Nietzsche. Várias milhares de páginas de testemunho médico foram usadas para documentar as anomalias neurológicas, mentais, sociais e metabólicas dos dois assassinos. O Dr. H. S. Hulbert, por exemplo, um dos médicos que testemunharam para a defesa, observou que Leopold tinha “astenia neurocirculatória”, um rótulo híbrido que apontava para uma fonte física para sua fraqueza psicológica inerente e a resultante confiança em seu amigo mais agressivo, Richard Loeb. Darrow associa este fato com a instabilidade mental de Leopold, a qual Darrow rotula de “paranóia” e prova mostrando a identificação de seu cliente com o *Übermensch* de Nietzsche. Em seu brilhante e freqüentemente citado resumo, Darrow apresentou a ligação da loucura de seus clientes e suas leituras de Nietzsche, uma leitura possível apenas para eles:

Meritíssimo, eu já li quase tudo o que Nietzsche escreveu. [Darrow implica que sua própria sanidade está fora de questão]. Ele era um homem de intelecto maravilhoso, o filósofo mais original do último século. Um homem que, certo ou errado, provavelmente influenciou mais profundamente na filosofia do qualquer outro homem em cem anos. Mais livros foram escritos sobre ele do que provavelmente sobre todos os outros filósofos em cem anos. Mais professores universitários falaram sobre ele. [E eles certamente não eram loucos, quer dizer Darrow] De certa forma, ele atingiu mais pessoas e ele ainda tem sido um filósofo do que podemos chamar de culto intelectual. Eu acabo de ler pequenos trechos de Nietzsche para mostrar as coisas que Nathan lia e que, sem dúvida, o influenciaram... Não é como isto influenciaria ao senhor. Não é como isto afetaria a mim. A questão é como isto afetou a mente impressionável, visionária, sonhadora de um menino... Ele é um menino de dezesseis ou dezessete anos se tornando obcecado com estas doutrinas... Não era uma picada casual de filosofia com ele: era sua vida. Ele acreditava em um super-homem... Muitos de nós lêem esta filosofia, mas sabemos que ela não tem aplicação prática para a vida, mas não ele. Ele a viveu e a praticou, ele pensou que ela se

aplicava a ele e ele não teria acreditado nela exceto se ela causasse uma mente doentia ou fosse o resultado dessa mente doente.²⁶

A apresentação de Darrow ligava o estado físico de seus clientes com a leitura específica deles deste filósofo poderoso. Ele chamou a atenção para certos estigmas: não meramente para sinais claros, apesar de ele ter se utilizado da antiga ciência da fisionomia em sua defesa, mas nos estigmas ocultos da nova fisionomia, a ciência da localização cerebral. A preocupação de Theodor Meynert em localizar cada aspecto da psique levou seu estudante mais conhecido, Sigmund Freud, a refletir se alguém poderia realmente chegar a isso. Freud rapidamente abandonou a “mitologia cerebral” do seu precoce “Projeto de Uma Psicologia Científica” quando ele compreendeu quão primitivas eram as analogias que esta aproximação permitia a ele fazer entre estruturas do cérebro e o comportamento e emoção humanos.²⁷ Como os estudos de localização cerebral tornaram-se mais e mais discriminatórios com a obra de Kurt Goldstein após a Primeira Guerra Mundial, a suposição de que um processo físico dentro do cérebro poderia ser identificada, a qual provaria a suscetibilidade de certos indivíduos a leituras específicas de textos poderosos entrou no reino do folclore forense e literário. Se seu cérebro é doente então você lê de uma maneira louca. A idéia de uma psique dinâmica com todas as suas abstrações era simplesmente complexa demais para ser reduzida a tal mito. A idéia de uma fonte biológica necessária para atos anti-sociais, um abscesso na alma, capturou a fantasia do público. No caso de Leopold e Loeb, Clarence Darrow alcançou seu objetivo. Ele garantiu a seus clientes a prisão perpétua.

A percepção dos loucos como leitores de textos perigosos ainda permanece na consciência ocidental. Nada ilustra isto mais claramente do que o julgamento de John W. Hinckley, Jr., o qual tentou assassinar Ronald Reagan.²⁸ Dois fatos no julgamento de Hinckley chamaram a atenção do público como únicos. Primeiro foi o pedido dos defensores de Hinckley para introduzir evidências fornecidas por Marjorie Lemay, M.D., uma radiologista, de que exames minuciosos do cérebro feitos com computador [CAT-scans ou Computer Assisted Test] mostravam que o cérebro de Hinckley era “encolhido”. O debate sobre a introdução desta informação teve paralelo com o primeiro caso do “homem crocodilo”, um jovem de Massachusetts cujo argumento em 1974, apoiado por seu pai endocrinologista, era o de que o mal-funcionamento

de seu sistema límbico o levou a um acesso de raiva durante o qual ele atacou duas garotas.²⁹ No entanto, a ligação entre o cérebro “encolhido” de Hinckley e a doença na qual isto implicava era muito mais sutil. A prova do exame CAT foi introduzida para implicar, não para provar, que Hinckley estava sofrendo de uma doença somática que causou um impulso irresistível. Durante o julgamento esta doença recebeu vários nomes: processo de esquizofrenia, uma desordem afetiva superior, esquizofrenia pseudoneurótica, raiva paradoxal, desordem de personalidade paranóica, desordem de personalidade-limite e desordem de espectro esquizofrênico, entre outros. A prova da Dr^a Lemay foi introduzida eventualmente, ainda que acompanhada pela afirmação da testemunha de que os exames CAT não podiam provar, de uma forma ou de outra, a existência de qualquer doença mental. As implicações do argumento da defesa contradiziam sua própria testemunha. A implicação feita pela introdução da prova científica “dura” dos exames assistidos por computador era a de que ela era “relevante” para determinar o estado mental de Hinckley e foi nesse sentido que o juiz a aceitou como prova. Estes exames CAT poderiam ser relevantes apenas justificar a imagem de que Hinckley estava sofrendo de uma doença física que o tornou incapaz de resistir a um texto forte. Se o argumento funcionou diante do júri deve-se acreditar que Hinckley foi levado por seu cérebro encolhido a ver Jodie Foster no filme *Taxi Driver* inúmeras vezes e a ler o romance no qual se baseava o filme. Assim, o caso Hinckley é um artefato dos anos oitenta. Não é uma filosofia forte, mas sim um filme violento, sexualmente agressivo, e não um filósofo louco, mas sim uma atriz pré-adolescente sexualizada que seduz o leitor/espectador fraco. Hinckley é absolvido de seu crime, visto como louco, não por causa de seu ato insano, mas sim por causa de seu defeito biológico. Sua loucura, como a das outras figuras que nós discutimos é a vivência de seu texto no mundo, isto era a substância do testemunho oferecido por uma das testemunhas científicas de sua defesa, Ernest Prelinger.

Aqui está, mais uma vez, a linha que a sociedade desenha entre a sanidade e a insanidade, entre racionalidade e suscetibilidade. Leitores são internalizam suas leituras, o texto toma o controle do leitor fraco. Tais visões, que refletem a necessidade da sociedade de sinais específicos de doença, são vestígios de uma mitologia cerebral do século XIX que tornou todas as doenças da mente doenças cerebrais e não podiam conceber doenças mentais independentes deste modelo. Este mito é

parte de um folclore tão poderoso que nos torna leitores passivos dele. Somos dominados por ele, acreditamos nele e agimos segundo ele como robôs por causa de seu poder e nossa inerente incapacidade de resistir a ele. Somos portanto todos loucos, todos leitores fracos dominados por sistemas mais poderosos? Ou consideramos necessário ver nosso próprio senso de passividade e fraqueza projetados no mundo? E não agimos como se esta projeção fosse independente de nós mesmos, degenerada, fraca, aleijada, louca, encolhida? Mas sabemos melhor. Ao perdoar o louco nós não perdoamos a nós mesmos por nossas transgressões imaginárias? Não somos todos nós, no final, unidos com o assassino, tão diferente de nós, nossos seres polares, de forma que ele ou ela parecem nosso duplo? Estas questões nos levam longe do texto, dentro da mente do leitor como criador, a qual pode ser muito bem o lócus necessário para qualquer compreensão verdadeira do ponto de confluência entre história e texto.

Referências Bibliográficas

- BINSWANGER, O. “*Criminal-psychologische Ausführungen zu dem Fall Fischer*” In: *Deutsche Rundschau* n.110 (1902),
- BLEULER, Eugen. *Lehrbuch der Psychiatrie*. Berlin, Julius Springer, 1918.
- CHAMBERLIN, J. E. “An Anatomy of Cultural Melancholy” In: *Journal of the History of Ideas* 42 (1981), p.691-705.
- ELLENBERGER, Henri F. *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. New York, Basic Books, 1970.
- ERVIN, F. R. e Mark, V. H. *Violence and the Brain*. New York, Harper and Row, 1970.
- FERRERO, Guglielmo e Lombroso, Cesare. *La Donna Delinquente: La prostituta e la donna normale*. Turim, Roux, 1893.
- FIRDA, R. A. “Wedekind, Nietzsche and the Dionysian Experience” In: *Modern Language Notes* 87 (1972), p.720-731 e o de J. L. Hibbard. The spirit of the Flesh: Wedekind’s Lulu In: *Modern Language Notes* 79 (1984), p.336-355.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão*. Petrópolis, Editora Vozes, 1998.
- FRIELANDER, Ruth. “Bénédict-augustin Morel and the Development of the Theory of *dégénérescence* In: *The Introduction of Anthropology into Psychiatry* (diss., University of California, San Francisco, 1973).
- GILMAN, Sander L. *Begegnungen mit Nietzsche* Bonn, Bouvier, 1981.
- _____. “Friedrich Nietzsche’s ‘Niederschriften aus der spätesten Zeit’ (1890-1897)” e os “Cadernos de Conversação (1899-1895)” In: Kudzus, W. e Urban, B. (editors). *Psychoanalytische und psychopathologische Literaturinterpretation, Ars Interpretandi*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981. n.10 p.321-346.

- _____. *Myths and Realities: Hearing Transcript of the National Commission on the Insanity Defense*. Arlington, Va., National Mental Health Association, 1983. p.116-133
- HESS, Henner et alli (editores). *Sexualität und soziale Kontrolle: Beiträge zur Sexualkriminalologie*. Heidelberg, Kriminalistik Verlag, 1978.
- KRUMMEL, Richard Frank. *Nietzsche und der deutsche Geist* Berlin, de Gruyter, 1974.
- KUTSCHER, Artur. *Frank Wedekind: sein Leben und sein Werk*. München, G. Müller, 1922-1931
- LEWONTIN, R. C. Lewontin et alli. *Not in Our Genes: Biology, Ideology, and Human Nature*. New York, Pantheon, 1984.
- LOWE, Donald M. *History of the Bourgeois Perception*. Chicago, University of Chicago Press, 1982.
- MAYER, André e Wheeler, Michael. *The Crocodile Man: A Case of Brain Chemistry and Criminal Violence*. Boston, Houghton Mifflin, 1982.
- MOORE, Michael “Legal Conceptions of Mental Illness” IN: Brody, Baruch A *Mental Illness: Law and Public Policy*. Dordrecht, D. Reidel, 1980. p.25-69.
- MOREAU, Patrick. “Die neue Religion der Rasse: Der Biologismus und die kollektive Ethik der Neuen Rechten in Frankreich und Deutschland In: Fetscher, Iring (editor) *Neokonservative und ‚Neue Rechte‘*. München, C.H.Beck, 1983. p.117-162.
- Odell, Robin. *Jack the Ripper in Fact and Fiction*. London, G.G.Harrap, 1965).
- NEU, Jerome “Minds on Trial” In: Brody, Baruch A *Mental Illness: Law and Public Policy*. Dordrecht, D. Reidel, 1980. p.73-105
- SALAQUARDA, Jörg. *Nietzsche*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1980.
- SELLERS, AlvinV. *The Loeb-Leopold Case with Excerpts from the Evidence of the Alienists...* Brunswick, Ga., Classic Publishing, 1926.
- STRÖHMBERG, Christian. *Die Prostitution... Eine social-medicinische Studie*. Stuttgart, Enke, 1899. p.35-66
- SULLOWAY, Frank J. *Freud: Biologist of the Mind*. New York, Basic Books, 1979. p.44-45
- THOMAS, R. Hinton. “Nietzsche, Women and the Whip” In: *German Life and Letters: Special number for L. W. Forster*, 34 (1980), p.117-125.
- WEBER, Eugen. “The Reality of Folktales” In: *Journal of the History of Ideas* 42 (1981), p.93-114.
- WEDEKIND, Frank. *The Lulu Plays and Other Sex Tragedies*. Tradução para o inglês de Stephen Spender. London, John Calder, 1972.
- WESTERMARCK, Edward. *The History of Marriage*. London, Macmillan, 1903.

NOTAS

¹ Tradução de Richard Miskolci. A Teoria e Pesquisa agradece a autorização do autor para traduzir este artigo.

² Historiador cultural norte-americano, autor e editor de mais de 50 livros em inglês e alemão, Gilman criou e coordena o Laboratório de Humanidades da University of Illinois at Chicago.

¹ Todas as referências às peças de Lulu escritas por Wedekind referem-se à tradução [para o inglês] de Stephen Spender, *The Lulu Plays and Other Sex Tragedies*. London, John Calder, 1972. Aqui a citação é da página 23. Exceto quando observado outras traduções são de minha autoria.

² Veja Richard Frank Krummel e seu *Nietzsche und der deutsche Geist* Berlin, de Gruyter, 1974.

³ Veja a tentativa de Donald M. Lowe de escrever uma *History of the Bourgeois Perception*. Chicago, University of Chicago Press, 1982.

⁴ Weber, Eugen. "The Reality of Folktales" In: *Journal of the History of Ideas* 42 (1981), p.93-114. Weber não está interessado em usar o texto para documentar a realidade social e sim em usar a realidade social para compreender o texto.

⁵ Veja a introdução sistemática e a antologia crítica editada por Jörg Salaquarda: *Nietzsche*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1980.

⁶ Veja os relatos relevantes feitos por seus contemporâneos em meu *Begegnungen mit Nietzsche* Bonn, Bouvier, 1981.

⁷ Veja Friedlander, Ruth. "Bénédict-augustin Morel and the Development of the Theory of *dégénérescence*" In: *The Introduction of Anthropology into Psychiatry* (diss., University of California, San Francisco, 1973).

⁸ A testemunha é citada em *Deutsche Warte*, 4 de dezembro de 1901.

⁹ A testemunha é citada em *Der Tag*, 4 de dezembro de 1901.

¹⁰ *Ibid.*

¹¹ Para um relato detalhado da natureza e curso da doença final de Nietzsche, um que corrige muito das conjecturas de biografias recentes, veja meu ensaio "Friedrich Nietzsche's 'Niederschriften aus der spätesten Zeit' (1890-1897)" e os "Cadernos de Conversação (1899-1895)" In: Kudzus, W. e Urban, B. (editors). *Psychoanalytische und psychopathologische Literaturinterpretation, Ars Interpretandi*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1981. n.10 p.321-346. Enquanto Binswanger era o diretor da clínica, e portanto o responsável pelo caso de Nietzsche, o verdadeiro psiquiatra que supervisionava Nietzsche era Theodor Ziehen, mais tarde um filósofo conhecido.

¹² O interesse público no caso Fischer foi tão grande que Binswanger publicou seu "*Criminal-psychologische Ausführungen zu dem Fall Fischer*" na conhecida revista *Deutsche Rundschau* n.110 (1902), aqui a citação se refere à p.302 da revista.

¹³ *Ibid.*, p.307. O testemunho de Binswanger foi visto pela imprensa contemporânea como a chave do caso. Veja a reportagem sobre o caso no *Leipziger Tageblatt und Anzeiger* de 04 de fevereiro de 1902.

¹⁴ *Berliner Bösen Courier*, 06 de dezembro de 1901.

¹⁵ *Die Post*, 05 de dezembro de 1901.

¹⁶ *Deutsche Warte*, 06 de dezembro de 1901.

¹⁷ A melhor compilação contemporânea das definições legais alemãs, austríacas e suíças de insanidade é encontrada em Eugen Bleuler e seu *Lehrbuch der Psychiatrie*. Berlin, Julius Springer, 1918. Para uma maior discussão desta questão veja o ensaio de Jerome Neu "Minds on Trial" e o de Michael Moore "Legal Conceptions of Mental Illness", ambos em Brody, Baruch A *Mental Illness: Law and Public Policy*. Dordrecht, D. Reidel, 1980. p.73-105 e p.25-69.

¹⁸ Veja as discussões sobre Wedekind e Nietzsche na monumental monografia em três volumes de Artur Kutscher sobre Wedekind: *Frank Wedekind: sein Leben und sein Werk*. München, G. Müller, 1922-1931 assim como o texto de R. A Firda “Wedekind, Nietzsche and the Dionysian Experience” In: *Modern Language Notes* 87 (1972), p.720-731 e o de J. L. Hibbard. The spirit of the Flesh: Wedekind’s Lulu In: *Modern Language Notes* 79 (1984), p.336-355.

¹⁹ Compare com R. Hinton Thomas “Nietzsche, Women and the Whip” In: *German Life and Letters: Special number for L. W. Forster*, 34 (1980), p.117-125.

²⁰ Veja, por exemplo, a discussão sobre a prostituição em Ströhmborg, Christian. *Die Prostitution... Eine social-medizinische Studie*. Stuttgart, Enke, 1899. p.35-66

²¹ Ferrero, Guglielmo e Lombroso, Cesare. *La Donna Delinquente: La prostituta e la donna normale*. Turim, Roux, 1893.

²² Veja a clássica resposta de Edward Westermarck a Darwin e Engels: *The History of Marriage*. London, Macmillan, 1903.

²³ Veja Odell, Robin. *Jack the Ripper in Fact and Fiction*. London, G.G.Harrap, 1965).

²⁴ Veja Chamberlin, J. E. “An Anatomy of Cultural Melancholy” In: *Journal of the History of Ideas* 42 (1981), p.691-705.

²⁵ Foucault, Michel. *Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão*. Petrópolis, Editora Vozes, 1998. Para o uso paralelo do material histórico para oferecer uma chave para o modo de percepção veja a apresentação de Foucault em *Eu, Pierre Rivière, assassinei minha mãe, minha irmã e meu irmão – Um caso de parricídio no século XIX*, no qual se apresenta uma ampla discussão sobre as opiniões legais e seu papel na compreensão da percepção do crime. No contexto alemão veja também Hess, Henner et alli (editores). *Sexualität und soziale Kontrolle: Beiträge zur Sexualkriminalologie*. Heidelberg, Kriminalistik Verlag, 1978.

²⁶ Sellers, Alvin V. *The Loeb-Leopold Case with Excerpts from the Evidence of the Alienists...* Brunswick, Ga., Classic Publishing, 1926. p.180 e seguintes.

²⁷ Veja Ellenberger, Henri F. *The Discovery of the Unconscious: The History and Evolution of Dynamic Psychiatry*. New York, Basic Books, 1970. p.439 e seg. e Sulloway, Frank J. *Freud: Biologist of the Mind*. New York, Basic Books, 1979. p.44-45

²⁸ Veja meu testemunho diante da National Commission on the Insanity Defense: *Myths and Realities: Hearing Transcript of the National Commission on the Insanity Defense*. Arlington, Va., National Mental Health Association, 1983. p.116-133

²⁹ Mayer, André e Wheeler, Michael. *The Crocodile Man: A Case of Brain Chemistry and Criminal Violence*. Boston, Houghton Mifflin, 1982. Um exemplo ainda mais grotesco sobre uma ligação necessária entre patologia e violência é aquele feito por Ervin, F. R. e Mark, V. H. *Violence and the Brain*. New York, Harper and Row, 1970. Veja a crítica geral a esta perspectiva no livro de R. C. Lewontin, Steven Rose e Leon J. Kamin: *Not in Our Genes: Biology, Ideology, and Human Nature*. New York, Pantheon, 1984. Tais idéias ainda estão presentes na França e na Alemanha, vide Moreau, Patrick. “Die neue Religion der Rasse: Der Biologismus und die kollektive Ethik der Neuen Rechten in Frankreich und Deutschland In: Fetscher, Iring (editor) *Neokonservative und ‚Neue Rechte‘*. München, C.H.Beck, 1983. p.117-162.